

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: UM GÊNERO TEXTUAL IMPORTANTE NA FORMAÇÃO DO LEITOR?

Silvane Aparecida de Freitas Martins e Maria José de Assis

Introdução

Está comprovado, por meio de diversas pesquisas, a importância da leitura na formação crítica e reflexiva do ser humano, uma vez que esta prática oferece subsídios para ampliar a visão discursiva do leitor. De acordo com Bakhtin (1992), quando nos olhamos, dois mundos diferentes se refletem em nossas pupilas. Há, assim uma maneira peculiar de encarar o relacionamento do homem com o mundo, ou seja, cada sujeito pode apropriar-se do discurso do outro sob perspectiva diferenciada.

Sabemos que as histórias em quadrinhos (HQ) têm atraído a atenção do leitor principiante e, por isso, tem sido ponto de partida para a formação de muitos leitores. Além disso, é um material de leitura bastante circulado socialmente, sobretudo, pelas crianças e adolescentes. Assim sendo, pretendemos analisar os efeitos de sentidos que perpassam estas histórias, qual a influência desse gênero na formação cultural do leitor iniciante.

Nosso objeto de análise serão duas HQ: “Chico Bento em: Um Minuto de Diferença”, “Casão em: O Antiinquebrável” do autor Maurício de Souza, no intuito de examinar as características desse gênero, bem como compreender os efeitos de sentidos que atravessam esse gênero textual. É importante ressaltar, que tudo o que afirmamos, mesmo que seja por meio de textos fictícios, revela nossa ideologia, a nossa visão de mundo, os nossos valores e crenças. Dessa forma, pretendemos analisar como esses aspectos se apresentam nos textos sob análise, bem como se a estrutura desse gênero, é apresentada em conformidade com a estrutura convencional do tipo narrativo.

Nosso objetivo vai além da análise da linguagem verbal apresentada nessas histórias, como também a não verbal: as cores, as expressões fisionômicas, os gestos das personagens, uma vez que tudo isso influencia na construção dos sentidos do textos, bem como na formação de expectativas ao leitor.

1. Os gêneros textuais

A relação ensino/aprendizagem, com base no texto, encontra-se num momento de grandes transformações, tendo, portanto, a necessidade de uma categorização textual, denominada gêneros textuais. Conforme estudos, desde Platão e Aristóteles já existia a noção de gênero, mas uma noção que, passada pelo estruturalismo, tornava-se estanque, normativa e homogênea. Estudos mais recentes comprovam que a categorização dos textos em gêneros textuais pode favorecer toda uma melhor organização, identificação, ordem e compreensão textual.

Hoje é consensual que o trabalho em sala de aula deva centrar-se não só no texto, mas na diversidade de gêneros textuais. É importante salientar que o estudo sobre os gêneros parte das concepções dos estudos lingüísticos, que os entendem como

(...) entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. (...) Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem

emparelhados a necessidades e atividades sócio-culturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita (MARCUSCHI, 2002, p.19).

Estudando a questão dos gêneros, podemos evidenciar os vários modos de representar a realidade, estabelecer relações sociais, identificar ideologias, reconhecer as formações das identidades. Os gêneros nos instigam a vários questionamentos que nos levam a refletir, dentre esses, Meurer (2002, p.17) nos apresenta os seguintes:

(...) como ler e analisar criticamente os diferentes gêneros textuais? Como descrever e explicar os textos, evidenciando que neles e através deles os indivíduos produzem, reproduzem ou desafiam a realidade social na qual vivem e dentro da qual vão construindo sua própria narrativa pessoal?

Nesse sentido, buscamos o pressuposto básico defendido por Marcuschi (2002, p.22) “de que é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum *gênero*, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum *texto*”. Consideramos texto como a materialização do discurso, uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual. Já o discurso é produzido ao se manifestar em alguma instância discursiva. Portanto, podemos afirmar que o discurso se materializa por meio de textos (oral ou escrito).

Sabemos que a variedade de gêneros textuais é imensa, os quais refletem a nossa necessidade de comunicação, e em cada situação diferente um gênero é utilizado no intuito de materializar o discurso adequadamente ao contexto situacional e, conseqüentemente, difundir a linguagem de geração a geração. Nesse sentido, Bakhtin (1992, 284) afirma que

os enunciados e o tipo a que pertencem, ou seja, os gêneros do discurso, são as correias de transmissão que levam da história da sociedade à história da língua. Nenhum fenômeno novo (fonético, lexical, gramatical) pode entrar no sistema da língua sem ter sido longamente testado e ter passado pelo acabamento do estilo-gênero.

Dessa maneira, concordamos com Marcuschi (2002, p.21), ao afirmar que

esses gêneros também permitem observar a maior integração entre os vários tipos de semioses: signos verbais, sons, imagens e formas em movimento. A linguagem dos novos gêneros torna-se cada vez mais plástica, assemelhando-se a uma coreografia.

Além disso, é importante buscarmos em alguns pesquisadores da temática, a diferenciação entre tipo e gênero textual, já que é perceptível a confusão que se faz entre esses termos. Maingueneau (2002, p. 61) argumenta que

alguns autores empregam indiferentemente “gênero” e “tipo de discurso”, mas a tendência dominante é a de distingui-los (...): os gêneros do discurso pertencem a diversos tipos de discurso associados a vastos setores de atividade social.

Esse autor divide as situações comunicativas, que podem ser tomadas como critério, em: lugar institucional; estatuto dos parceiros do discurso e posicionamento de natureza ideológica. Baseando-se nessas observações, Koch (2003), redefine os gêneros textuais, segundo os moldes utilizados no meio escolarizado, de três maneiras principais:

o gênero torna-se uma pura forma lingüística e o objetivo é o seu domínio; a escola é tomada como autêntico lugar de comunicação e as situações escolares como ocasiões de produção/recepção de textos; nega-se a escola como lugar particular de comunicação.

Diante dessas redefinição, somos levados a constatar que toda introdução de um gênero na escola é o resultado de uma decisão didática, que visa levar o aluno a dominar determinado gênero para melhor conhecê-lo ou apreciá-lo; e colocar os alunos em situações de comunicação o mais próximo possível das verdadeiras. Schneuwly e Dolz (2004) concluem que a medida em que o objeto de trabalho é descrito e explicitado, ele se torna acessível a todos nas práticas languageiras de aprendizagem. No entanto, não podemos ficar presos somente à forma, ou ao lingüístico, é preciso aliar tais características às diversas funções sociais.

Nesse sentido, Rojo (2000) afirma que temos dois tipos de gêneros escolares: um, considerado como instrumento de comunicação na instituição escolar, assimilado de forma espontânea e inconsciente; e o outro como objeto de ensino aprendizagem, com característica artificial.

Adam (apud Brandão 2003, p.22) deixa-nos bastante clara a real necessidade de uma categorização de textos:

A categorização e as categorias são elementos fundamentais, na maior parte do tempo inconscientes de nossa organização da experiência. Sem a existência de categorias textuais, nossa apreensão dos enunciados produzidos seria provavelmente prejudicada: seríamos submersos pela diversidade absoluta, por uma impressão caótica que as regularidades sintáticas certamente não compensariam.

De acordo com os estudos de Maingueneau (2002), todo texto pertence a uma categoria de discurso, a um gênero de discurso, que corresponde às necessidades da vida cotidiana as quais o analista do discurso não pode ignorar. Para o autor, gêneros do discurso “são dispositivos de comunicação que só podem aparecer quando certas condições sócio-históricas estão presentes”, podendo caracterizar uma sociedade e por ela serem caracterizados. Comprovando a real importância dos gêneros textuais, no que concerne à competência comunicativa dos falantes/ouvintes, torna-se necessário explicitar a argumentação de Koch (2003, p.53) em um de seus estudos mais recentes, pois segundo seus princípios é de suma importância

o contato com os textos da vida quotidiana, como os anúncios, avisos de toda ordem, artigos de jornais, catálogos, receitas médicas, prospectos, guias turísticos, literatura de apoio à manipulação de máquinas e etc, exercita a nossa capacidade metatextual para a construção e inteleção de textos.

Segundo a autora, todos os nossos enunciados são baseados em formas-padrão constituindo, portanto, os gêneros que, marcados sócio-historicamente, estão relacionados de

forma direta às diferentes situações sociais. Complementando esta definição Bakhtin (1992) acrescenta que

a riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável e, cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.

Nesse sentido, Koch (2003) ressalta que gênero é uma forma de composição ou plano composicional, conteúdo e estilo, entidades escolhidas tendo em vista as esferas de necessidade temática. Partindo, também, dessa concepção, Schneuwly (1994) revela os elementos centrais caracterizadores de uma atividade humana: o sujeito ou o enunciador; a ação definida numa situação; e uma série de parâmetros, com a ajuda de um instrumento semiótico-o gênero.

Com isso, Schneuwly e Dolz (2004) evidenciam que o ensino dos gêneros seria, pois, uma forma concreta de dar poder de atuação aos educadores e, por decorrência, aos educandos. A escolha do gênero levará em consideração os objetivos visados, o lugar social, os papéis dos participantes e uma real adaptação entre gênero e valores particulares. Diante disso, Schneuwly & Dolz chegam à seguinte constatação:

O gênero é utilizado como meio de articulação entre práticas sociais e os objetos escolares, particularmente no que diz respeito ao ensino da produção e compreensão de textos, escritos ou orais. É através dos gêneros que essas práticas se encarnam nas atividades de aprendizagem, justamente em virtude de seu caráter intermediário e integrador. Por isso, eles são um termo de referência intermediário para a aprendizagem, uma “mega-ferramenta” que fornece um suporte para a atividade nas situações de comunicação e uma referência para os aprendizes.

Dentre os diversos gêneros textuais, uma boa sugestão para se trabalhar com o leitor iniciante em sala de aula, temos as histórias em quadrinhos, textos de jornais, revistas, suplementares infantis, anúncios classificados; parlendas, canções, poemas, quadrinhas, trava-línguas, contos de fada e de assombração, mitos e lendas populares, folhetos de cordel, textos teatrais, enciclopédias, dicionários e afins. É preciso que levemos em consideração o fator tempo, pois “mudam-se o tempo, mudam-se as vontades”, sonetava Camões.

Por isso é importante que o docente, e as outras pessoas envolvidas no processo educacional levem em consideração a importância de se levar para a sala de aula, os textos mais circulados socialmente, que se dê oportunidade para que o aluno tenha contato com a maior diversidade de textos possíveis e possa fazer suas escolhas de leitura de acordo com suas preferências e necessidades sociais.

2. As histórias em quadrinhos (HQ)

Desde a implantação da Escola Nova, verificamos uma grande preocupação de autores em colocar junto à história escrita, a imagem; para melhor despertar o leitor. A criança, em sua fase de desenvolvimento, necessita da imagem vinculada à história, para que essa seja melhor compreendida. Para Nelly Novaes Coelho (1997, p.172), temos:

Livros com imagens que devem provocar o conhecimento ou o reconhecimento de objetos ou seres, familiares à criança, em seu

cotidiano real e comum: brinquedos, recantos da habitação, bichos, alimentos... Esse convívio com a imagem, associada à palavra nomeadora, facilitará a operação mental que identifica a percepção visual e a palavra correspondente. Mas para que isso se dê, a imagem deve ser nítida e imediatamente perceptível pela criança.

Dessa forma, imagem e texto formam uma parceria inseparável, em que vários tipos de histórias se fazem presentes. Nessa linha, encontramos os gibis - histórias em quadrinhos -, em que, juntamente com a escrita, a imagem tem função essencial. Essa parceria, tem proporcionado ao leitor infante-juvenil melhor prazer pelo ato de ler.

No mesmo período histórico em que apareceu o cinema, o telégrafo sem fio e o raio-x, surgiu, nos Estados Unidos, um gênero singular de comunicação que tornaria uma característica básica do século XX: as histórias em quadrinhos. Quadrinhos ou histórias em quadrinhos são narrativas feitas com desenhos seqüenciais, em geral no sentido horizontal, e normalmente acompanhados de textos curtos, de diálogo e algumas descrições da situação, convencionalmente, apresentados no interior de figuras chamadas balões.

Na década de 1950, começaram a ser publicadas, no Brasil pela Editora Abril, as histórias em quadrinhos criadas por Walt Disney. Onze anos depois, a Abril lançou o personagem Zé Carioca, com histórias produzidas no Brasil. A partir de meados da década de 1960, multiplicaram-se as publicações e os personagens nacionais. O destaque é para Mauricio de Sousa com toda uma série de personagens, entre os quais: Mônica, Cebolinha e Cascão.

Consideramos que as HQ valem tanto quanto os livros ilustrados, como processo de leitura acessível ou adequado às crianças. Para Nely Novaes Coelho (1997), o interesse maior que os pequenos demonstram pelos livros ilustrados ou, mais ainda, pelas HQ, está na facilidade com que esse tipo de literatura “fala” à mente infantil; ou melhor, atende diretamente à natureza ou necessidades específicas da criança. As imagens no livro infantil são essenciais no processo de comunicação mensagem/leitor, pois atingem direta e plenamente o pensamento intuitivo/sincrético/globalizador que é característico da infância.

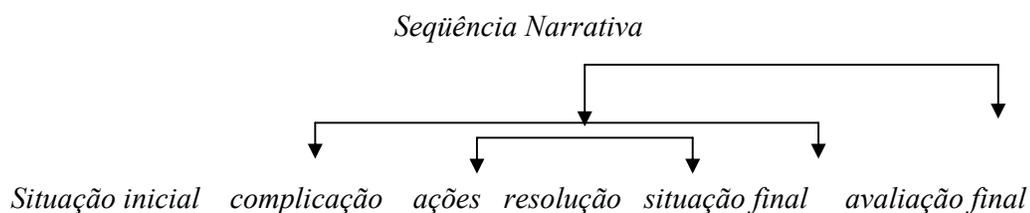
É importante que levemos em consideração a escolha dessas histórias pelo leitor, pois cabe a ele a decisão da escolha, pois ler é despertar o prazer do imaginário. Para Kazuko Kojima Higuchi (1998, p. 135-6), muitas vezes um signo icônico pode se transformar em simbólico como uma lâmpada acesa que representa a descoberta de uma boa idéia. O oposto também ocorre: as letras e os balões, signos simbólicos mudam-se para verdadeiros ícones; dependendo do traçado, pode representar alegria, medo, ruídos. Geralmente, o tamanho da letra tem relação direta com o tom da voz, diferenciando uma fala sussurrada, gritada ou normal. O leitor de HQ precisa conhecer as convenções peculiares: tamanho e espessura das letras, registros de onomatopéias, seqüência de leituras dos diálogos, dos quadrinhos e demais símbolos utilizados.

É importante salientar que a HQ faz parte das narrativas, são tecidas numa certa seqüência, para que haja entre os leitores, o entendimento da história. Desse modo, Brandão (2003, p.29) afirma-nos que a estrutura seqüencial da narrativa necessita de seis constituintes reunidos:

a) pelo menos um ator antropomorfo constante, individual ou coletivo, que garanta a unidade de ação; b) transformação de predicados: passagem de um estado para outro (por exemplo, da infelicidade à felicidade) através de uma série de acontecimentos encadeados (segundo a verossimilhança ou a necessidade); c) sucessão mínima de acontecimentos ocorrendo em tempo t e depois $t+n$. O critério da

temporalidade não é, todavia, um critério único. Espécies de textos como receitas e crônicas comportam uma dimensão temporal que todavia não os transforma em narrativas. Para que haja narrativa é preciso que esta temporalidade de base seja conduzida por uma tensão que faz com que uma narrativa caminhe para seu fim, organize-se em função de uma situação final. Num texto, a temporalidade não precisa estar organizada de forma linear, mas ela deve estar de tal forma que o leitor possa recuperar a cronologia dos fatos (...); d) um processo em que se constrói uma intriga com a integração dos fatos em um ação única, formando um todo constituído pela seleção e arranjo dos acontecimentos e ações; e) causalidade narrativa: uma lógica singular em que o que vem depois aparece como tendo sido causado por algo anterior. Sob uma ordem cronológica repousa a ordem das causas; f) um fim sob forma de avaliação final (moral) explícita ou a derivar.

A operação de constituição da narrativa, segundo essa autora, repousa sobre o seguinte dispositivo elementar que apresenta inúmeras possibilidades de variação:



Muitos defendem o uso das (HQ), afirmando que o conteúdo é proveitoso e estimulante, por outro lado, há os que consideram a literatura em quadrinhos nociva, causando preguiça mental, e interferindo no hábito de outras leituras com maior complexidade. Assim, essas histórias, atacadas por uns, defendidas por outros, vêm se firmando cada vez mais na indústria cultural de nossos dias, fazendo parte da indústria cultural massiva de nossa história. Assim sendo, passaremos a análise de duas HQ do consagrado autor Mauricio de Souza.

3. Chico Bento em: Um Minuto de Diferença

Paráfrase da história

Chico Bento (personagem do sítio) vai à cidade visitar seu primo. Lá eles saem para passear. Na primeira saída, os problemas começam acontecer. Ao se deslocarem do apartamento, esperam, por um tempo no elevador, depois, na rua, entre os carros, correm, enfrentando os semáforos, pegam o ônibus e vão em direção ao shopping. Tomam também o metrô para completarem o caminho a percorrerem, e todos esses meios de transportes estão cheios, fazendo-os enfrentarem empurrões e corre-corre para conseguirem uma vaga.

Quando chegam ao shopping, enfrentam fila no Mc Donald, brigam por uma mesa na lanchonete, enfrentam novamente fila, desta vez, no cinema. Lá dentro, um barulhão danado, há protestos para iniciar logo o filme.

Na volta, o primo apressa Chico para entrar no ônibus, mas ele prefere ir a pé, e o primo o segue, vendo que um minuto faz a diferença, pois

conseguem andar sem correrias para tomarem o ônibus e outros meios de transportes (ver anexo).

Segundo Mauricio de Sousa, as personagens criadas foram inspiradas em seus familiares. Com Chico Bento, não foi diferente.

Chico é uma montagem de características que vi e vivi na minha infância, nas cidades de Mogi das Cruzes e Santa Isabel. Chico Bento é mais um tio-avô meu, roceiro da região do Taboão (entre Mogi e Santa Isabel), que nem cheguei a conhecer pessoalmente, mas de quem conheci inúmeras histórias hilariantes, contadas pela minha avó. Era uma espécie de Pedro Malazartes, tanto que aprontava. (Site:www.monica.com.br).

Nessa história, o autor, já nas primeiras páginas, evidencia a fala dessa personagem (Chico Bento), que possui uma forma simples de falar, típica da zona rural, como no exemplo:



Nesse caso, podemos afirmar que o autor preocupa-se em retratar a questão das variações lingüísticas, das diferenças culturais. Se o professor souber explorar a linguagem desse texto, poderá realizar um trabalho de conscientização sobre as variedades lingüísticas e culturais. Sabemos que tudo que um autor escreve não é por acaso, ele deixa sua marca, sua ideologia naquilo que produz. Assim, é fácil compreender o porquê de tantas histórias em quadrinhos escritas pelo autor focalizando o regionalismo, pois ele pretende retratar um lado de suas raízes culturais.

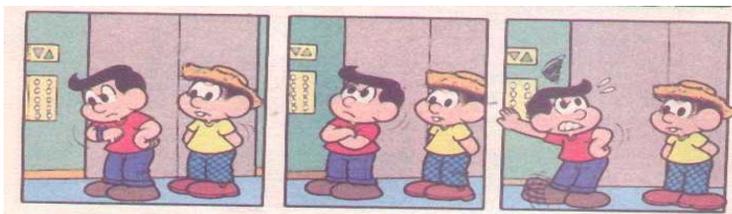
Na história sob análise, notamos que é trazido à tona os problemas vividos pela maioria dos urbanos em seu dia-a-dia, a correria, o estresse. Para melhor explicitar sua idéia, faz uso da onomatopéia, que é um dos recursos bastante utilizados na HQ, é uma

uma tentativa de visualização sonora (ou de sonorização gráfica, se preferir), constituem a sonoplastia, (a trilha sonora) das histórias em quadrinhos em cenas por vezes totalmente mudas. As HQ “sem palavras” não estão forçosamente isentas de onomatopéias, porque os ruídos são um suplemento que tende a conferir credibilidade à cena desenhada. (QUELLA-GUYOT, 1994, p. 86)



Na passagem anterior, notamos o quanto a análise das imagens apresentadas são importantes para percebermos o estado emocional das crianças, suas expressões de riso, tristeza, agonia, aflição. No caso em questão, o autor, juntamente com seus cartunistas, preocuparam em relatar a pressa do primo do Chico desenhando as imagens como se elas estivessem em ação. Há todo um desencadeamento de imagens, com recursos diversos: alguns traços ao lado das faces das personagens, indicando a virada do rosto deles, fumaças que indicam confusão e outros.

Em alguns quadrinhos, Mauricio julga desnecessário o diálogo, e por meio da própria imagem se conhece o enredo. É o recurso visual contribuindo para o entendimento da história.



Percebe-se o quanto o aspecto lúdico é um ótimo aliado para a interpretação, pois onde há o colorido, o engraçado, há o interesse, não só das crianças, como também do adulto. A partir do conteúdo imagético da história, as diferenças culturais são já definidas, como podemos observar pelas roupas do Chico, personagem do sítio, e de seu primo, personagem da cidade. O primeiro usa calça listrada, chapéu na cabeça, trajes típicos do sertanejo. Já o seu primo, aparece de camiseta e calça lisa, representando o morador da cidade.



Percebemos que o autor repassa ao leitor toda a sua visão de mundo sobre as diferenças culturais, apresenta um dos lugares muito visitado pelas crianças da cidade: o shopping. Assim, as crianças, que nunca puderam visitá-lo, poderão conhecê-lo, interpretar essa realidade, inserir-se no lugar de Chico e viver a sua aventura na cidade.

O autor apresenta-nos dois mundos completamente diferentes, e cabe a cada leitor tirar suas próprias conclusões. Não obstante, a ideologia do autor se revela, alertando-nos quanto à preciosidade do tempo e do respeito às diferenças culturais.

O retrato da cidade contrastando com os hábitos de Chico Bento é uma grande realidade, pois o homem do interior não se acomoda aos moldes impostos pela vida citadina. A tecnologia, a cobrança do mundo moderno e a necessidade para sobreviver que movem a maioria da humanidade, não faz parte das concepções de mundo de Chico, que neste contexto, é a caricatura do homem do campo. Como tivemos a oportunidade de conhecer a bibliografia do autor, sua vida em ambientes mais simples, fica-nos fácil compreender o porquê dele preferir esse tipo de vida. Mesmo vivendo no meio agitado da cidade grande, ele não esquece o seu passado, sua vida simples e tranqüila “Tive uma infância de pés no chão e costumes simples, caboclos” – como é argumentado por ele em resposta ao questionário-entrevista que lhe enviamos via e-mail.

Segundo Fiorin (1993, p.50), “num romance, há vários enunciadores de segundo grau (personagens) a quem o narrador delega voz, esses personagens podem manifestar diferentes

visões de mundo”. Na história, ora analisada, podemos observar que também existe o mesmo caso; mesmo não se tratando de um romance, por ser uma história em quadrinhos, com poucas nucleações, entramos em contato com personagens que manifestam pensamentos diferentes, e, por meio deles, o narrador pode ou não tomar partido por uma situação apresentada. Nessa passagem, notamos que Mauricio de Sousa posicionou-se favorável a Chico Bento, trazendo para o desfecho da história, o fato de que se descessem as escadas a pé, economizariam o estresse, exercitar-se-iam, e, assim, o primo passa a concordar com esses princípios.

De acordo com o autor, é na ficção científica que o homem cria outros universos, revela anseios, temores, desejos, carências e valores da sociedade em que vive. Por esse fato, podemos observar pelo site da Turma da Mônica, que um dos principais objetivos do autor é

levar a filosofia e a força de comunicação para desenvolvimento de programas nas áreas de saúde, educação, meio ambiente e cultura para todo o país, haja vista que elas evidenciam classes sociais diferentes, culturas e outras formas de viver diferentes uma das outras (FIORIN, 1995, p.51).

4. Cascão em: O Antiinquebrável

Paráfrase da história

Cascão, um dos personagens principais de Mauricio de Sousa, aparece nos primeiros quadros, ao lado de amigos. Em cada cena, conserta o brinquedo de um deles, na página 5, há uma frase acima da cabeça de Cascão, questionando que nem todos ficam felizes com a atitude dele. Desta vez a frase não aparece no balão e sim solta, é a conversa indireta que o autor tem com a história.

A partir daí, outro cenário é mostrado: uma fábrica de brinquedos. Lá dentro o patrão e empregado conversam sobre as vendas, e o empresário, olhando para os dados estatísticos de venda fala ao seu servidor que o negócio está muito bem, mas há só uma loja, na vila Limoeiro, que quase não vende nada.

Para saber as razões da baixa venda, vão até o local, lá constatam que o responsável por isso tudo é Cascão, que conserta todos os brinquedos das crianças do bairro. Os dois colocam-no dentro de um saco e volta para a fábrica. Lá Cascão responde a uma série de perguntas e discute com o dono da fábrica, dizendo que faz isso, porque deixa as crianças felizes com o conserto, mas o dono lhe fala que é preciso deixar os pais das crianças comprarem brinquedos novos, não consertar os velhos. Nesse contexto, Cascão adverte ao senhor que se tem que levar em conta o afeto pelo brinquedo, o sentimento de cada um.

Nessa perspectiva, o proprietário se comove e admite, que possui um ursinho, o qual é seu brinquedo preferido da infância, e que o guarda com carinho. Depois desta cena, o homem ordena ao empregado para levar o menino de volta para sua casa e promete melhorar a qualidade de seus produtos.

Nessa história, podemos constatar o enfoque dado aos problemas de fala, pois no primeiro quadrinho, já aparece o Cebolinha, personagem que troca o R por L. Segundo o autor, Cebolinha é a cópia de um amigo de infância e o fato de ter a fala diferenciada poderia causar interesse ao leitor. Vejamos:



Vejamos uma parte da entrevista em que a entrevistadora Maria José (MJ) realizou com o autor:

3- Maria José- Vemos que o Cebolinha troca o R por L, com isso, você quis nos mostrar que há a presença do lambdacismo na fala de algumas pessoas, ou foi simplesmente por nada?

Mauricio de Sousa- O menino que me inspirou o Cebolinha tinha os cabelos espetados e dislalia. Apenas esbocei uma caricatura dele. E achei que o personagem, a partir dessas características, poderia ser interessante para os leitores. O que aconteceu, realmente.

As próximas páginas desse suporte aparecem cenas corriqueiras. Cascão conserta os brinquedos dos amigos. São atos que vemos no nosso dia-a-dia, pessoas que não têm dinheiro para comprar um brinquedo novo consertam o seu. Pudemos notar que o autor procura retratar o nosso cotidiano e a importância da solidariedade entre as pessoas.

Seguindo a história, em um dos quadrinhos, na página 5, o narrador não utiliza balão, porque não é uma fala dos personagens e sim dele próprio (narrador), é uma técnica do autor para pôr o leitor em sintonia com a história.



Verificamos nessa passagem, que o narrador faz parte do texto, relata os fatos a partir de seu ponto de vista. O narrador pode assumir duas posições diante do que narra: aquele que conhece tudo, até os pensamentos e sentimentos dos personagens; comenta, analisa e critica tudo. O narrador pode assumir a posição de quem também conhece os fatos, mas não invade o interior das personagens para comentar seu comportamento, que seria o narrador observador.

Mediante tais pressupostos, podemos notar que o narrador desta história se encaixa no primeiro item, aquele que conhece os pensamentos e atos dos personagens e dá seu ponto de vista. Quando usa a expressão “mas parece”, ele demonstra sua subjetividade no que vai dizer, evidenciando seu lado perante o que foi dito. O operador argumentativo “mas” conota a idéias adversa de que a boa ação de Cascão é para outros uma ação negativa, uma vez que diminuirá a venda de brinquedos.

Na página 6, o autor troca de cenário, colocando uma fábrica em evidência para mostrar o outro lado da história, por isso utilizou a advertência explicada acima.



Nesses quadrinhos, passa a ser mostrado uma imagem diferente, na fábrica em questão, estão dois homens conversando: o patrão e um empregado. Para cada enredo, o cartunista utiliza cores diferentes. No caso do primeiro, nas cenas das crianças, podemos notar um grande colorido nas vestimentas, crianças felizes, um ambiente verde; já, para apresentar a fábrica, utilizou-se de cores cinzentas representando a poluição, roupas mais escuras para os adultos e colocou no rosto do empresário, por meio de traços próximos ao rosto, uma expressão de preocupação



Segundo Quella Guyot (1994), as histórias em quadrinhos eram publicadas em preto e branco, mas com o passar do tempo, tornou-se colorida, haja vista que hoje o público é mais atraído pela cor. O preto costuma ser a cor do contorno, o cinza e as sombras produzem uma força dramática que provoca a perturbação, e o jogo de cores contrastam a vida e a morte, o puro e impuro. A idéia de que a ambientação fosse reforçada pela cor é que motivou os autores a usá-las.

Devido a esse fato, podemos então confirmar que Mauricio de Sousa utiliza desse artifício para dar mais veracidade a sua história e imitar a realidade, já que no dia-a-dia as crianças gostam de roupas coloridas e o adulto, principalmente o mais idoso, gosta de roupas que chamam pouca atenção, preferindo assim o marrom, o cinza e outras cores.

Podemos observar que as figuras enfatizam a expressão corporal, dando à cena um jogo de movimentação, já que as imagens dos gibis são, por sua natureza, estáticas, daí, o recurso desses traços, que são os códigos ideogramáticos.

A imagem da HQ é, quer ela queira ou não, uma imagem fixa e sem palavras. Para retirá-la dessa morte aparente, dessa letargia, os autores contemporâneos foram tentando aos poucos dar-lhe vida... a visualização do som e do movimento nasceram de ideogramas cada vez mais perfeitos, aos quais é necessário acrescentar os criados para representar a vida psicológica das personagens (QUELLA-GUYOT, 1994, p. 26)



Há dois lados de uma mesma moeda nesta história. De um lado, o leitor pode se identificar com a primeira cena: as crianças. De outro, o leitor pode ser um adulto ou ter um pai que fabrica brinquedos, e optar pelo lado da merchandising, porque o intuito do dono da fábrica é construir brinquedos de materiais fracos para vender mais, como ele disse “*é tino comercial! Quanto mais se quebra, mais se vende e mais nós lucraremos!*”.

Usando do Capitalismo, sistema econômico e social que visa o lucro e maior produção nas empresas, o autor abre as cortinas de uma sociedade heterogênea, onde quem tem mais explora os que possuem menos, passando por cima de qualquer ética para conseguir o objetivo traçado, ou seja, faturar mais, nem que para isso precise passar por cima dos outros. Sabemos que o Brasil, no alvorecer do século XX, inseria-se na dinâmica do capitalismo mundial, basicamente, pela atividade exportadora de café, nosso principal produto. Os recursos acumulados na economia cafeeira contribuíram, também, para a expansão de indústrias, especialmente no sudeste do país. Com a expansão das indústrias, automaticamente os industriais buscavam competir suas vendas. Nessa perspectiva, procuravam-se vender o seu produto a todo custo.

O quadro evidenciado por Mauricio de Sousa exemplifica bem isso. Nesse caso, o empresário usou de produtos de baixa qualidade para vender mais à medida que os brinquedos fossem comprados e estragados. Segundo Fiorin (1993, p. 56) “dentro da estrutura narrativa, os enunciados podem ser agrupados em quatro fases distintas: Manipulação, competência, performance e sanção”, seguindo esses pressupostos, analisemos abaixo essa narrativa.

Quando os amigos de Cascão o procuram para consertar os brinquedos, há a “manipulação”, que é a fase de induzir alguém a fazer alguma coisa. No momento em que Cascão pode fazer o conserto desejado pelos amigos, ocorre a “competência”, e quando conserta os brinquedos, a “performance”. No momento em que o proprietário da fábrica de brinquedos o rapta e o repreende, afirmando que não poderia fazer aquilo, temos a “sanção”.

A articulação dessas fases, segundo esse mesmo autor, pode ocorrer em seqüência ou não. Nessa narrativa, vimos que ela ocorreu de maneira linear, mas o que importa para nós é podermos observar essa estrutura e entender o seu objetivo. Na história em questão, o dono da fábrica sancionou Cascão por ele estar realizando um ação de benefício, mas este benefício é na visão do empresário um malefício, porque sua venda iria diminuir, conseqüentemente, seu capital.

Essa forma de pensar do fabricante é uma realidade em nosso meio. O capitalismo faz com que o ser humano perca os valores morais, deixando transparecer a ganância, o querer mais, mesmo que haja desvantagem pelo lado do mais fraco, que paga por isso, tanto no fato de comprar produtos de baixa qualidade, quanto na parte do trabalho, pois são pouco remunerados em tudo que fazem, recebem pouco, são explorados, objetivando apenas o aumento do capital.

Por meio de leituras em quadrinhos, conceitos e valores podem ser discutidos com o leitor iniciante, o que possibilitará uma melhor interpretação da realidade que o cerca. Mediante as análises das HQ acima relatadas, podemos concluir que Mauricio de Sousa aborda temas em que cada personagem objetiva indicar alguns problemas comuns existentes em determinadas fases que passa a criança, de forma divertida e de fácil entendimento. São

cenar que vivemos na vida real, mas que, ao serem mescladas com a imagem e a fantasia, forma um todo significativo para o leitor.

É preciso também afirmar que por trás dessas histórias, há a ideologia, por parte do autor, de vender o seu produto. Para isso, consegue tantas histórias agradáveis, que despertam o leitor e o faz viajar nesse mundo imaginário, mas que tem um pouco de realidade. Se por um lado, muitos consideram a leitura de gibis algo pernicioso, por outro, há a constatação do prazer em que a criança sente em lê-los. Num momento em que a educação busca por uma reestruturação na sala de aula, principalmente na área de leitura, devemos aproveitar esse tempo e utilizar todos os meios possíveis para um melhor nível de leitura. Para isso, basta respeitar os direitos dos leitores e oferecer a eles diferentes tipos de textos. Dentre esses, temos as histórias em quadrinhos, que lançam suas narrativas num processo natural, sem preocupar com formas gramaticais e, sim, levar o leitor a buscar sua identidade.

Considerações finais

Não é à toa que nos deparamos com as HQ (os gibis) em todos os lugares, pois as histórias são divertidas e nos fazem adentrar num mundo de entretenimento e prazer. Propusemo-nos trabalhar com esse tema porque queríamos, a partir das análises das histórias, evidenciar que tais narrações são importantes na formação do leitor em construção. Percebemos que o autor aqui estudado (Maurício de Sousa) traz-nos à tona seus sentimentos e anseios de uma forma subjetiva, retratando muitos temas da vida real mesclados com uma ficção idealizada.

Nessa perspectiva, vimos que Maurício de Sousa expõe seus ideais, seus valores diante da condição humana. Nessa estrutura da sociedade, onde não há homogeneidade, ele lança sua ideologia tentando conscientizar o leitor crítico de que vivemos num mundo desigual, onde o interesse particular de muitos procura dominar aqueles que são sujeitos em busca da liberdade; seres que lutam contra as forças antagônicas daqueles que querem a alienação dentro do sistema social.

Outro fato que percebemos nas histórias analisadas, são as desigualdades na produção de bens, o que faz com que o capitalismo determine os que trabalham e os que comandam. Na história “*Cascão: o antiinquebrável*”, vimos que o dono de uma fábrica de brinquedos fabricava objetos baratos para que fossem trocados num menor tempo, gerando maior lucro a ele. Trazendo isso para nossa realidade, vimos que o autor se preocupa em desmascarar esse domínio procurando dar uma resposta positiva aos dominados, em razão de que a história se finda com a vitória de Cebolinha, o menino simples que consertava todos os brinquedos dos amigos.

Sabemos que um texto não é neutro, o autor deixa sua marca no que escreve. Assim sendo, Maurício de Sousa demonstra ser um cidadão com raízes na simplicidade e retrata esse lado em suas narrações, em suas histórias. Na personagem Chico Bento na História: “*Chico Bento em: um minuto de diferença*”, pudemos entender essa criação, cujo objetivo foi o de retratar o homem simples do campo, que na realidade representa um tio dele e tantos homens “caipiras” de nosso país.

Por todos esses fatos, podemos afirmar que as HQ não são somente para crianças e adolescentes, suas histórias são dirigidas a todas as faixas etárias. Algumas leituras realizadas para fins desta pesquisa trazem informações de que muitos as consideram ociosas, mas, na verdade, no desenrolar deste trabalho, percebemos que a HQ traz emoção, prazer, reflexão e fruição. Devido a essas características, ressaltamos que esse gênero textual é um ótimo pretexto para se trabalhar a leitura e a produção textual em sala de aula.

Podemos afirmar que as HQ de Maurício de Souza, pela sua simplicidade, é uma sugestão de texto que poderá contribuir para a formação discursiva do educando, despertar sua consciência crítica, aguçar a imaginação por meio de um mundo fictício, buscando na realidade, várias Mônicas, Cebolinhas, Cascões e Chico Bentos. Já que ao defender um

mundo ideal, em que o bem, a ética, a justiça social possuem lugar de destaque, o autor estará contribuindo para que o educando participe e defenda uma sociedade em que tais valores sejam assumidos de fato e, portanto, estará também ampliando a competência discursiva de do entanto.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Estética da criação Verbal**. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BARONAS, Roberto Leiser. Narciso Versus Menocchio: A Leitura como visco na memória. In: GREGOLIN, Maria do Rosário & BARONAS, Roberto (orgs.). **Análise do Discurso: as materialidades do sentido**. São Paulo: Editora Clara Luz, 2001.
- BRANDÃO, Helena Nagamine. (org). *Texto, gêneros do discurso e ensino*. In: _____. **Gêneros do Discurso na Escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica**. V.5, São Paulo: Cortez, 2003.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental_ Brasília (DF): MEC/ SEF, 1998.**
- CRUVINEL, Maria de Fátima. *O Caso da Maleta*. In: GREGOLIN, Maria do Rosário & BARONAS, Roberto (orgs.). **Análise do Discurso: as materialidades do sentido**. São Paulo(SP): Editora Clara Luz, 2001.
- FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. 3ª edição, São Paulo (SP): Ática, 1993.
- GREGOLIN, Maria do Rosário & Outros (orgs). **Análise do discurso: entornos do sentido**. Araraquara- São Paulo: Editora Cultura Acadêmica, 2001.
- HIGUCHI, Kazuko Kojima. *Super Homem, Mônica e Cia*. In: CHIAPPINI, Lígia (org). **Aprender a Ensinar com Textos não Escolares**. 2ª edição, São Paulo: Cortês, 1998.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 2ªed. São Paulo: Cortez, 2003.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 2ªed. SP. Cortez, 2002.
- MARCUSCHI. L. A. Letramento escolar, oralidade e escrita em sala de aula: diferentes modalidades ou gêneros do Discurso. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Investigando a relação oral/escrito**. Campinas (SP): Mercado de Letras, 2002.
- MEURER, J. L. & MOTTA-ROCHA, D. (Org.), **Gêneros textuais**. Bauru: 2002.
- QUELLA- GUYOT, Didier. **A História em Quadrinhos**. São Paulo (SP): Unimarco Editora, 1994.
- ROJO, R. Modos de transposição dos PCNs às práticas de sala de aula: progressão curricular e projetos. In: ROJO, R. **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs**. Campinas: Mercado de Letras, 2000. p.27-40.
Site. www.monica.com.br
- SOUSA, Mauricio de. **Cascão**. Editora Globo, Publicação quinzenal, edição nº 317, São Paulo (SP): Março, 1999.
- _____. **Chico Bento**. Editora Globo, Publicação quinzenal, edição nº 312, São Paulo (SP): Janeiro, 1999.